



americanistas

Apresentação

E muito provável que os primeiros brasileiros a se interessarem de modo metódico pelos EUA tenham sido os inconfidentes mineiros. José Honório Rodrigues registra que “os vários conjurados e testemunhas revelam na Devassa sua grande satisfação com o que acontecera na América Inglesa, e nota-se que se tivessem igual oportunidade não deixariam de lançar mão dela. Conheciam os sucessos da história revolucionária americana e possuíam desmedida paixão pelos Estados Unidos”¹.

Rodrigues também menciona que Tiradentes tinha uma coleção de livros sobre os EUA e sua Constituição, e que José Joaquim Maia, sob o pseudônimo de Vandeck, escreveu em 1786 cartas a Thomas Jefferson, então ministro americano em Paris, para pedir apoio ao movimento pela independência do Brasil². Jefferson respondeu que sua função em Paris (equivalente à de um embaixador) não lhe permitia assumir compromissos desse tipo com os brasileiros, mas disse que uma revolução no Brasil não podia deixar de excitar os EUA.

Quando a independência veio, os EUA foram o primeiro país a reconhecê-la, talvez com entusiasmo menor do que o antecipado por Jefferson, já que o novo país não se constituiu como república, mas sim como monarquia, regime que os pais da pátria americana detestavam. Os vínculos mais sólidos e significativos do Brasil durante o Império foram com a Europa; só após a Proclamação da República o país se voltou para a América, inclusive os EUA.

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, aumentou o número de intelectuais, escritores e jornalistas brasileiros que viajaram aos EUA, procuraram conhecê-los com mais profundidade e relataram a seus compatriotas as impressões que tiveram sobre aquele país, como uma espécie de intérpretes para o Brasil da cultura e da sociedade americana.

Durante e após a Segunda Guerra Mundial, quando tropas das duas nações lutaram juntas na Europa, a influência dos EUA sobre o Brasil se intensificou exponencialmente, assim como a curiosidade dos brasileiros em relação aos EUA.

Entretanto, a produção de conhecimento sobre os EUA no Brasil não é proporcional à relevância econômica, política, científica, social e cultural dos EUA para o Brasil. Impressiona como o Brasil ainda conhece pouco e mal os EUA, o que é um paradoxo quando se constata a enormidade da presença americana no cotidiano dos brasileiros, mesmo os mais simples.

1 José Honório Rodrigues, “A Revolução Americana e a Revolução Brasileira da Independência (1776-1822)”, in *Revista de História de América*, n. 83, jan.-jun./1977, p. 78.

2 Idem, *ibidem*.

Na comunidade acadêmica brasileira, o trabalho dos brasilianistas, os autores americanos que estudam o Brasil, é mais conhecido do que o dos americanistas, que fazem a via inversa. Esta edição da **Revista USP** procura atenuar um pouco essa situação. Doze dos 14 artigos deste número tratam de alguns dos mais relevantes americanistas brasileiros.

Quando este projeto começou a ser gerado, o primeiro nome lembrado foi o de Monteiro Lobato, que teve uma relação intensa e complexa com os EUA, refletida em muitos de seus livros, aqui analisada em dois textos: o de José Roberto Whitaker Penteadó, sobre a representação dos EUA em sua obra para crianças, e o de Milena Ribeiro Martins, sobre os muitos aspectos da cultura americana por ele tratados em seus escritos para adultos.

Érico Veríssimo foi outro grande ficcionista brasileiro que viveu nos EUA, fascinou-se com o país e escreveu extensivamente sobre ele para o público brasileiro, como nos mostra o texto a esse respeito escrito por Carlos Cortez-Minchillo.

O ensaio de Antonio Dimas trata de um grupo de intelectuais que, na virada do século XIX para o XX e de diferentes modos, refletiu sobre os EUA, como Adolfo Caminha, Eduardo Prado, Machado de Assis, Oliveira Lima, Olavo Bilac e José Veríssimo.

Como os EUA influenciaram a interpretação que Gilberto Freyre fez do próprio Brasil é o eixo do artigo de Alfredo Cesar Melo, que mostra como as percepções dos EUA pelo autor de *Casa-Grande & Senzala* ajudaram a estruturar sua visão do Brasil.

Já Roque de Barros Laraia faz um estudo da obra de um dos mais conhecidos americanistas contemporâneos, Roberto DaMatta, que tem refletido sua longa experiência de vida nos EUA em milhares de textos em veículos de comunicação de massa, nos quais faz com frequência comparações com o Brasil, e que têm ajudado a moldar a imagem dos EUA aqui.

Joaquim Nabuco, que foi um grande intelectual de sua época e também embaixador do Brasil em Washington, é o tema de Luís Cláudio Villafañe G. Santos, que foca principalmente o papel dos EUA na política externa brasi-

leira, tema recorrente e seminal nos estudos sobre relações internacionais do país e de vital importância para o interesse nacional.

O autor de um dos livros mais importantes sobre o cotejo das duas nações (o clássico *Bandeirantes e Pioneiros*), Clodomir Vianna Moog, está no ensaio de Fernando de Mello Barreto, que analisa aquele trabalho pioneiro e ainda hoje balizador dos que o sucederam no assunto, sob uma perspectiva tanto do momento em que ele foi produzido quanto de agora.

Um dos precursores dos americanistas, talvez o primeiro após os inconfidentes, foi Hipólito José da Costa, o patrono do jornalismo brasileiro, que nesta revista tem seu trabalho analisado por Oscar Pilagallo.

E um dos mais jovens americanistas, com uma bibliografia consagrada que inclui um livro que já pode ser considerado clássico, *O Imperialismo Sedutor*, é Antônio Pedro Tota, cuja obra é aqui apresentada por Matthew Shirts, na forma de uma entrevista.

Não só por meio das letras pode-se interpretar um país. João Moreira Salles fez isso com os EUA no seu documentário para a TV *América*, que nesta edição é resenhado por Carlos Eduardo Lins da Silva.

Outro americanista contemporâneo é Ricardo Lessa, cujo livro principal sobre os EUA é o objeto do texto de Paulo Sotero nesta revista.

Os dois textos que fecham a edição não tratam diretamente de americanistas, mas têm muita relação com o tema central deste número. José Carlos Sebe Bom Meihy faz uma retrospectiva da produção dos americanos que pesquisaram o Brasil, os brasilianistas. E Ana Cláudia Veiga de Castro aborda o trabalho de um intelectual *sui generis*, Richard Morse, um americano que culturalmente talvez tenha sido mais brasileiro que muitos de nós, e que em sua trajetória acadêmica ajudou brasileiros a entenderem melhor os EUA tanto quanto americanos a entenderem melhor o Brasil.

Da leitura desses artigos pode-se constatar que, embora tenham sido relativamente poucos até agora, os americanistas produziram material riquíssimo, capaz de ampliar a compreensão da sociedade americana a partir de uma perspectiva brasileira, e a do próprio Brasil a partir da comparação dele com os EUA.

A necessidade de aumentar a produção desse tipo de trabalho é imperiosa ao final desta segunda década do século XXI. O início do governo de Donald Trump representa desafio sem precedentes para o mundo inteiro. Por mais que se possa argumentar, muitas vezes com razão, que o poder relativo dos EUA no mundo tem diminuído, é indiscutível que quase todas as nações ainda são fortemente influenciadas pelo que acontece naquele país, devido ao seu hegemônico poder econômico, político, militar e cultural. Com o Brasil não é diferente.

A estratégia de Trump sob o lema “America First”, baseada em princípios isolacionistas e protecionistas, coloca em risco alianças e compromissos americanos que vêm sendo mantidos há décadas. E também ameaça a hegemonia política que o país exerceu sobre o mundo após o fim da Guerra Fria, em 1989.

A aparente obstinação de Trump em passar a tratar todas as relações com outros países no nível da bilateralidade, ameaçando deixar ou ignorar a OMC, os acordos de clima e vários organismos da ONU, pode, ao menos em princípio, fraturar todo o sistema internacional.

Até que ponto o presidente americano será capaz de levar adiante seus propósitos vai de-

pende do quanto as instituições democráticas americanas conseguirão impor limites ao seu poder. Conhecê-las a fundo, bem como a sociedade, a história, a demografia, a cultura e o eleitorado dos EUA, é fundamental para poder fazer prognósticos mais calibrados a respeito do futuro a curto e médio prazos.

Para o Brasil poder desenhar bem o seu próprio futuro, é essencial tentar prever com alguma acuidade como os EUA vão se mover no tabuleiro das relações internacionais e como vão resolver seus problemas domésticos. Tudo que se faz nos EUA em termos de políticas públicas internas ou externas sempre tem alguma repercussão no Brasil, como em outros países. Agora que o grau de imprevisibilidade das decisões do governo americano aumentou tanto, é ainda mais necessário dedicar-se a estudar a fundo aquela nação.

Que venham mais brasileiros americanistas com nível de qualidade intelectual similar aos que nesta edição são analisados. Eles serão cada vez de maior valia para o país.

Carlos Eduardo Lins da Silva